

## CONDÃO E SEDUÇÃO: A ARTE DE (FAZER) LER

---

MARIA HELENA MELIM BORGES

Gostaria, primeiro, de agradecer à organização deste Encontro, o convite que me foi feito para vir partilhar convosco algumas reflexões sobre promoção da leitura.

Peço, no entanto, licença para começar por vos dizer da comoção que senti quando me apercebi que este Encontro era também uma homenagem à minha querida Maria Alberta Menéres. Uma extraordinária homenagem.

Colaboradora da Fundação Calouste Gulbenkian, a Maria Alberta ensinou-me, ao longo de quase 20 anos, a arte de maravilhar crianças, jovens e adultos, nas muitas ocasiões em que, com ela, calcorreei este país — numa «volta a Portugal em bibliotecas» (parafraseando a jornalista Sara Adamopolous) — e me apercebi do poder encantatório que as suas palavras provocavam naquelas «criaturas», cuja atenção aumentava à medida que a voz da Maria Alberta se aninhava nos seus ouvidos.

A Maria Alberta tem, como ninguém, o duplo «condão» de «seduzir» pela escrita e pela voz. É raro! É, para mim, um grande privilégio ter convivido de perto com a Maria Alberta e saber que ela, sempre que lhe peço alguma coisa... nunca me diz «não»! Nomeadamente em acções de promoção da leitura.

A promoção da leitura é uma das vertentes de um conceito mais lato: a animação (vou-me restringir, durante esta reflexão, à ligação destes conceitos a bibliotecas públicas).

O que é «animação»?

A animação é um conceito que apareceu na década de 60 do séc. passado, muito ligado às alterações sofridas na sociedade pelo Maio de 68. Segundo a definição da socióloga Bernadette Seibel, *animação é a antítese dos métodos tradicionais de ensino, é um método de acção em perpétua redefinição, procedendo por inovação, isto é, por adaptação às necessidades dos novos grupos sociais* (1).

A animação corresponde a uma mudança de mentalidade. Trazer as pessoas para a cultura sem imposição, procurando jogar com as atitudes, introduzindo, com doçura, uma disposição segundo novos valores que correspondem aos desejos das novas classes emergentes: a troca, o prazer, a criatividade.

Em Portugal, por razões que me abstenho de explicar, poderíamos, sem grandes margens de erro, situar estas mudanças já na década de 80.

Como deverão recordar-se, até aos anos 70 estas questões eram completamente silenciadas e, quem no país teve a preocupação de pôr as novas gerações a ler (e, até certo ponto, fez regressar o analfabetismo) foi a Fundação Calouste Gulbenkian quando criou a rede de Bibliotecas Itinerantes, em 1958. É comovente encontrar, no país, pessoas das mais variadas origens e desempenhando, hoje, as mais diversas funções, que nos dizem: «Eu comecei a ler com a carrinha da Gulbenkian.»

Na década de 80, foi sentida a necessidade de criar estruturas devidamente apetrechadas onde se pudessem pôr em

prática, de forma sistemática, as novas metodologias de acesso à cultura: surge a rede de bibliotecas do Estado; centros culturais, etc.

Quase simultaneamente, começa a fazer parte do discurso político e social o analfabetismo, a iliteracia, as baixas taxas de leitura nas faixas etárias mais jovens, tudo isto agravado pela força que, entretanto, os *media* e as novas tecnologias passam a ter no quotidiano de crianças e adolescentes. E a pergunta surge: o livro vai acabar? Não haverá remédio? Estaremos preparados para aceitar uma geração de não-leitores?

Fazem-se estudos — uns pessimistas; outros moderados — sobre o presente, com nuvens muito negras para o futuro. Verifica-se que, cada vez mais livros são publicados (muitos sobre a problemática do fim do livro) enquanto as taxas de leitura são, realmente, baixas. Eu, que sou optimista, diria, com tendência para aumentar.

Pondo de parte o meu optimismo, penso que não nos podemos dar ao luxo de julgar que o problema se resolve por si. Há que tomar medidas, encontrar estratégias, percorrer um caminho, por vezes não muito fácil, e ser persistente. Os agentes que trabalham no terreno deverão, cada vez mais cooperar para, em conjunto, encontrarem caminhos capazes de minimizar os efeitos devastadores que uma geração de não-leitores poderá provocar no futuro do país.

Há vários modos de aproximação à animação e promoção da leitura. Nada melhor para introduzir este tema do que ouvir quem de direito. Neste caso, dois pequenos extractos de entrevistas feitas a duas bibliotecárias francesas. Primeira:

*Para fazer animação há que ter vontade de se divertir. Não é precisa competência, pois é um estado de alma. Na nossa biblioteca os ficheiros não estão em dia. É um problema. Mas não me ralo nada com isso. Eu prefiro soprar balões a pôr os ficheiros em dia.*

Segunda:

*Há todo um trabalho por fazer que, em minha opinião, é a grande falta de todas as bibliotecas, que é um trabalho de análise de livros, de propostas ao leitor, de relação com o leitor. O que é mais difícil é fazer passar o sentido de uma leitura mais exigente que seria, por si só, um prazer.*

*A animação seria, para mim, a promoção dos livros nos quais cremos; é muito subjectivo, imperfeito, mas tem, ao menos, o mérito de alargar o campo das escolhas.*

*Eu julgo que as pessoas têm a necessidade de pensar que o bibliotecário é alguém culto em quem podem confiar. (2)*

O meu comentário é simples: se pudéssemos juntar estas duas bibliotecárias na mesma biblioteca, teríamos, por certo, a melhor animação e promoção da leitura.

«Soprar balões» — mesmo em sentido figurado — é importantíssimo como primeiro passo. Significa desmitificar o espaço da biblioteca, mostrar que, ali, também há lugar para o divertimento, para a despreocupação para a ludicidade. Obviamente, estamos pensando, agora, na entrada das crianças na biblioteca.

A aposta a fazer, no que diz respeito aos mais pequenos, terá, sem dúvida que passar por esta espécie de animação. Jogar e brincar são as actividades mais importantes na vida das crianças. Só depois virão os livros. Então, porque não integrar o livro nas suas brincadeiras? Torná-lo tão indispensável como o carrinho ou a boneca? Sendo a infância o período de aprendizagem, há que fazer da leitura de um livro um acto que tem sentido, isto é, que tem valor.

Felizmente, a maioria das bibliotecas do país vem trabalhando — algumas de maneira exemplar — nesta área, procurando agir sobre o comportamento da criança pela via da familiarização e da motivação. A familiarização supõe um clima de liberdade, mas com regras.

Se passarmos agora para o nível etário superior, quando as crianças estão já a começar a ler, teremos obrigatoriamente uma outra metodologia. E outros parceiros entrarão no jogo: a escola e a família.

Em minha opinião, a primeira coisa a fazer é dar a conhecer a biblioteca às crianças. Fazer uma visita guiada, na companhia dos professores e/ou dos pais. O que é uma biblioteca, como funciona, com que regras, o que oferece, como desfrutar dela plenamente? Só na posse de toda a informação será dada à criança a possibilidade de optar. Porque, por mais que nos custe admitir, ser leitor é uma opção, diria mesmo, uma opção de vida. Quanto mais cedo tiverem acesso a esse bem, que é o livro — independentemente do poder económico das suas famílias — mais fácil será para elas adquirirem hábitos difíceis de abandonar. A leitura deveria ser um deles.

Uma vez feita a apresentação da biblioteca, conhecidas as regras e procedimentos, há que montar estratégias para que o «tal» hábito se crie. Todos nós conhecemos algumas: festa do livro — que podem ser temáticas ou generalistas; encontro com escritores — para aguçar a curiosidade e dar um rosto à escrita; exposições (com um núcleo de livros de apoio); dramatização de contos; teatro de marionetas; hora do conto; etc., etc. Sobretudo é preciso que as crianças se habituem a visitar o espaço, pois, pensamos nós, de certeza começarão a requisitar livros.

A animação direccionada às crianças tem também uma função educativa. Graças à animação, a biblioteca participa activamente na construção progressiva do gosto, da vontade de ler da criança.

Esta certeza poderá ser válida até aos 12, 13 anos; Depois, as coisas complicam-se um pouco. A propósito, deixem-me contar-vos uma história: um casal meu amigo foi viver para os Estados Unidos durante 2 anos e levaram o filho que, à época, deveria ter 9, 10 anos. O miúdo foi para a escola e lia compulsivamente. Dois a três livros por semana. Comprava,

trazia da biblioteca da escola, requisitava na biblioteca pública. Lia, lia... Voltou para Portugal e, para grande espanto dos pais, nunca mais leu nada. Um dia o pai perguntou-lhe: Ouve lá, André, tu deixaste de ler. O que é que se passa? Resposta pronta do André: É que nos Estados Unidos, todos os meus amigos liam e se eu não lesse não tinha conversa para eles. Aqui, ninguém lê e, se eu falo num livro, chamam-me «betinho»!!!

Eu penso que este é o grande problema. A socialização entre as crianças, sobretudo na passagem para a adolescência, não passa pelo livro. Passa pela música, pelo desporto, pela televisão, mas não passa pelo livro. É aqui que perdemos leitores e, por isso, será aqui que teremos que investir cada vez mais, com processos mais inovadores, de forma continuada. Sendo a leitura um acto solitário, nesta faixa etária pode não ser muito apreciada.

Permito-me dar algumas sugestões: privilegiar uma das dimensões do uso social do livro — a discussão, a troca, o encontro sobre o seu conteúdo; reunir um conjunto de agentes colocados em posições diferentes no campo da produção e difusão do livro — escritores, editores, *designers*, distribuidores; promover acções de reabilitação do património literário, sendo eles, adolescentes, os agentes dessa acção; alargar o conceito de leitura a livros científicos (nós temos sempre a tendência para pensar a leitura de uma forma redutora, isto é, ligada somente à literatura); promover a leitura de poemas/letras de canções; e, sobretudo planear acções continuadas no tempo. A promoção da leitura, para ter repercussão e fidelizar públicos/leitores, não pode reduzir-se a uma acção/fogacho, que, por acaso, teve «muita gente» mas que acaba ali.

Embora difícil, é um grande desafio! Por cada adolescente que se consiga seduzir, ganhámos um leitor. Esta não é, de modo nenhum, uma tarefa massificante; é individual. A sedução é sempre individual!!

Mas, fica a dúvida: como se pode levar a cabo esta tarefa, que é individual, quando — felizmente — as bibliotecas

têm cada vez mais leitores? Pode se, sempre que uma criança ou um adolescente nos abordem, nós os escutarmos com a atenção, tentando responder às suas questões, ganhando a sua confiança. Mas também ajuda se os ficheiros estiverem em dia — coisa com a qual a nossa primeira bibliotecária não se importava — e se houver «um trabalho de análise de livros, propostas ao leitor» — como dizia a segunda.

Se o tempo escasseia, há que compensar essa falta pela qualidade. Aproveito para vos dar uma informação que me parece útil: está em vias de conclusão um sítio na Internet [www.leitura.gulbenkian.pt](http://www.leitura.gulbenkian.pt) onde estarão à disposição de todos recensões críticas elaboradas, desde 1960, pela Comissão Consultiva de Apreciação de Livros da Fundação Calouste Gulbenkian. São cerca de 30 000 fichas que poderão vir a ser um precioso auxiliar de leitura.

E, agora, gostaria de focar uma questão, que me é muito cara, e, ousado dizer, a mais importante. Não há que ter medo de assumir que é imprescindível a «orientação da leitura», sobretudo nestas idades. Que fique bem esclarecido que «orientação» não tem nada a ver com censura ou proibição; tem a ver com, por exemplo, aquilo que nos conta o Dr. Duarte Lima, num testemunho que nos enviou sobre a influência que o Encarregado de uma Biblioteca Itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian teve na sua formação de leitor. Passo a ler:

*Muitas vezes aconteceu escolher livros de leitura que poderia considerar-se difícil, ou «complicada» para um jovem de treze ou catorze anos. [...] De forma dedicada, o funcionário da «carrinha» explicou-me que devia esperar mais algum tempo para ler aquelas obras e como alternativa dava sempre conselhos avisados sobre outros livros de mais fácil compreensão para a minha idade.*

*Naquele homem encontrei um «conselheiro» de leitura, um amigo que me abriu horizontes novos de curiosidade e saber,*

*mas que sobretudo me ensinou a amar e venerar os livros — os livros que iluminariam a minha vida como luzeiros.*

Se virmos bem, não é nada de mais. A própria bibliotecária da segunda entrevista dizia, se bem se recordam: «Eu julgo que as pessoas têm a necessidade de pensar que o bibliotecário é alguém culto em quem confiar».

Nós, adultos, leitores assumidos, chegamos, muitas vezes aos livros, pelo aconselhamento de um amigo, no qual temos muita confiança, que é até nosso confidente, nosso conselheiro. Porque não tentar pôr em prática essa estratégia com as crianças e os adolescentes? Eles que, além do mais, têm a inocência da entrega aliada a uma desmedida curiosidade!

Independentemente de eu pensar que terá de ser feito um grande esforço no sentido de se tornar cada vez mais atraentes as nossas bibliotecas, de ser necessária uma cada vez maior cooperação entre a biblioteca e a escola, que aos agentes educativos cabe uma tarefa hercúlea nesta luta pelo aumento dos índices de leitura, continuo convencida de que a forma mais eficaz e, simultaneamente mais duradoura, é através da ligação, diria, íntima, fruto do *condão* que o bibliotecário tenha em *seduzir* o utilizador para a leitura. Tornando-se seu conselheiro, orientando-o, a partir do conhecimento que dele vai tendo, nas leituras que se deverão seguir às suas primeiras leituras de criança.

Obrigada pela vossa atenção.

## Notas

(<sup>1</sup>) *Animation et bibliothèques*, Journées d'étude, Avril 1984, p. 11.

(<sup>2</sup>) Seibel, B., *Bibliothèques municipales et animation*, Dalloz, 1983, pp. 131-136.